

A psicologia e a filosofia do espírito

JOÃO DE SOUSA FERRAZ
Magistério Secundário e Normal
do Estado de São Paulo

Entre o campo de investigações dos psicólogos-cientistas e o campo de pesquisas mentais dos psicólogos-filósofos, poderíamos, de certo modo, assinalar um terreno neutro, instável e obscuro, que merece talvez especial atenção dos pensadores contemporâneos, se não para conseguir relativa unidade de vistas, ao menos para evidenciar características de uma problemática fértil em rumos e em sugestões.

Não há negar, contemporaneamente, a existência de esforços orientados no sentido de trazer para o terreno da objetividade, as discussões fechadas e circunscritas dentro do plano metafísico, e de elevar, ao mesmo tempo, para exame teórico, ao plano das pesquisas racionadas, os fatos colhidos directamente nas situações práticas das observações empíricas e dos cuidadosos experimentos de laboratório.

Na análise e interpretação dos materiais colhidos de maneira ocasional ou em pesquisas sistemáticas, não nos tem sido possível livrar-nos de apriorismos e de preconceitos que, se por vezes indicam rumos e acautelam possibilidades de extravios, não raro impedem imparcial e necessário exame crítico de intuições obscuras ou falazes.

A nós, que esta oportunidade se oferece para examinar, ainda que sucintamente, tendências que surpreendemos no evoluer do pensamento filosófico no Brasil, queremos chamar a atenção dos cultores da filosofia para a necessidade de se postarem, como observadores, num ponto de vista estratégico, num ângulo de vértice orientado, como cunha de penetração, para o campo intermediário que se localiza entre o cientismo, de predomínio fisiológico, e o transcendentalismo, de aspectos puramente formais e metafísicos.

As investigações específicas, que tanto têm contribuído para descobertas imprevistas e imprevisíveis, penetrando mistérios avaramente

defesos, ou arquitetando sistemas abstratos em estruturas lógicas porém irreais, trazem como uma de suas mais visíveis consequências o distanciamento cada vez maior entre o plano objetivo e o plano subjetivo, falicitando o dogmatismo científico —e supostas verdades materialistas, ou o dogmatismo metafísico— e supostas verdades espiritualistas.

Até a psicologia científico-filosófica, que deve mediar entre o biologismo puro e o transcendentalismo, vindos de polos opostos, têm chegado os psicologistas que partiram da fisiologia e caminharam, por assim dizer, de baixo para cima, ou seja do material para o espiritual, e os pensadores que, a partir das idéias filosófico-religiosas, desceram ao encontro dos primeiros. Os fisiologistas, adestrando-se nos métodos experimentais e nas observações de fatos positivos, sentiram a necessidade das interpretações psicológicas e filosóficas, e os teólogos-filósofos, em busca de argumentos científicos capazes de amainar os efeitos aguilhoantes das dúvidas e inquietações, saíram a procura de comprovação de hipóteses mal amparadas.

É curioso assinalar, no Brasil, a diversidade de procedência dos cultores da psicologia e da filosofia. Podem ser agrupados, de modo muito geral, em três categorias: médicos, educadores, religiosos. Não vai aqui nenhum rigorismo. Haverá, é claro, entre os grupos, citados mais como pontos de referência do que de limitação, políticos, economistas, advogados, cientistas, literatos, etc., que podem ser relacionados numa ou noutra categoria segundo a formação cultural. O que nos propomos ressaltar são as tendências que nos parecem expressivas: empírico-científica, científico-filosófica e filosófico-transcendente.

O ponto crucial, de convergência, visado pela tendência científico-filosófica que se avoluma num crescendo sintomático, encontra-se no campo neutro, que deve ser palmilhado e vasculhado pelos psicólogos.

A filosofia do espírito, trabalhada no presente reflexivamente com os dados da percepção globalística, estrutural, de apreciável número de pensadores, sobretudo europeus, vem padecendo de excesso de criticismo, sem que se tenham ainda definido com alguma precisão os novos rumos. Não tem sido fácil coordenar métodos, precisar conceitos, estabelecer critérios. Mesmo o que se deve entender por “filosofia de espírito” carece de concordância, como não se pode precisar o que deve ser entendido como “espírito” humano.

A crise atual da psicologia e da filosofia parece ter atingido a fase mais aguda. O pensamento contemporâneo não conseguiu romper com o passado, nem pôde livrar-se de certos entraves de insuspeitável e insuspeitado poder de resistência. Sofre, possivelmente, de excesso de historicidade e de incapacidade para eliminar preconceitos e para fugir a roteiros traçados como sulcos profundos e por demais percorridos. Quase ninguém se liberta da sugestão do misticismo e da sedução do maravilhoso, senão muito parcialmente.

Voltam-se hoje, os psicólogos e os filósofos, de preferência para a crítica, num esforço titânico em prol da revisão dos valores subvertidos e em tentativas, quase sempre estéreis, para estabelecimento de critérios válidos e definição de valores agrupados e hierarquizados, visando as possibilidades de compreensão extraída da visão unitária do conjunto.

Desde o passado remoto vem o homem, armado do instrumento da inteligência, procurando devassar mistérios. Equacionou o problema das origens, e se atordoou na nebulosidade do ignoto; formulou problemas de fins últimos, e se aterrou ante a visão esfíngica, impenetrável, do término da vida. E o instrumento de compreensão e entendimento — muito mais do que a sensação, a percepção, a memória, o raciocínio — têm sido a imaginação, a invenção, a criação mágica, sobre os alicerces fundamentais da afetividade e da crença.

O fundo instintivo não se aparta da emoção, e tão dominante se nos afigura a força da motivação inconsciente que somos levados a crer que muito mais pensamos como sentimos do que sentimos como pensamos. Fica-nos a impressão, até, de que a nossa personalidade, que construímos estruturada na base biológica que é a nossa individualidade, obedece a imperativos ainda bem estranhos a tudo quanto já consideramos mais ou menos certo, mais ou menos conhecido. Criamos entidades e estabelecemos fatos existenciais. Tais fatos, abstraídos da experiência e formalizados em sistemas, passam não raro a ser considerados, em vez de realidades fictícias, realidades positivas. Daí assistir regular soma de razões àqueles que preconizam a conveniência de relegar os fatos às ciências históricas e de pesquisar e elaboração dos fatos, isto é, os fatos antes de se tornarem fatos, o movimento de realização do producto, a fenomenologia.

Os filósofos que atentaram para o desejo, ou para ação, ou para o entendimento, se fizeram epicuristas, pitagóricos ou aristotélicos,

mas sempre construíram sistemas idealísticos, formando, dos conceitos, entidades. Por isso mesmo, de certa forma, se tornaram realistas dando consistência quase concreta, personificada em símbolos, as criações mentais, chamassem êles realistas ou conceptualistas, nominalistas ou positivistas. Os valores —valor beleza, valor bondade, valor bem, valor justiça— valores éticos e estéticos, valores pragmáticos e científicos, valores econômicos e valores religiosos se destacaram e se precisaram como realidades aparentemente tangíveis porém distanciadas das realidades concretas, objetivas e intuitivas. Não é fácil, pois, revisar valores, sobretudo quando tais valores muito bem se acomodaram ao nosso sistema de pensamento como forma consciente no fundo de nossa afetividade.

Tomando como fundamento realidades extra-terrenas, os filósofos do espírito se fizeram teologistas. Os mistérios se acomodaram à crença e as religiões se multiplicaram e se definiram.

Partindo da conceituação de natureza e de essência humanas, numa transposição para o plano verbal como realidades personificadas e concretizadas, os pensadores se cobriram de vestes panteístas e humanistas.

Fazendo do fenómeno vida um fato, e do fato uma entidade dinâmica, os pesquisadores teceram o diagrama do vitalismo.

Considerando a vida como conceito a ser revisto, como realidade a ser deduzida de outras realidades mais próximas, alcançadas sem intermediários, atentou-se para o fato pensamento, e se agarrou ao que seria ou parecia ser indubitável “Penso, logo existo”. E a dúvida metódica passou a ser o método por excelência dos racionalistas.

Nesta altura dêste rápido escorço de apreciação evolutiva já é possível verificar que tem variado e continua variando o ponto de partida das correntes filosóficas em geral, cujas águas, depois do nascedouro, se aproximam ou se distanciam entre si, entrelaçando-se numa paisagem panorâmica de organização sincrética, que a esquematização abstrata procura formalizar para discernir.

O acento tônico que os modernos e os contemporâneos filósofos do espírito vêm deslocando da vida para o pensamento, do pensamento para a existência, da existência para a existência consciente, são tentativas angustiosas em busca da construção de esquemas renovados que satisfaçam a filosofia do espírito, quando o excesso de crítica, especialmente crítica de liquidação e arrazamento, parece indicar imperiosa necessidade de movimentos construtores.

A lógica formal, essa nossa lógica racional gasta pelo uso e pelo abuso, abalada pela pré-lógica dos primitivos e pela lógica especial dos grupos afastados de conceitos promovidos a universais, e pelo crescente prestígio da noção de relatividade dos valores, já não é a gramática normativa do pensamento. Arcaizada, sofre dos males do envelhecimento e da decadência e se resente das largas feridas abertas no domínio acomodaticio dos absolutos, dando mostras de fraqueza ante a crítica das novas concepções do espírito. Subsiste ainda porque os psicólogos contemporâneos e os atuais filósofos do espírito não conseguiram erguer novo edifício em novas bases.

Concluindo, parece-nos oportuno propôr, aos esforços coordenados dos psicólogos e filósofos de nossos dias, um devassamento do campo limítrofe, nos pontos de intercessão da biologia com a filosofia, e tentativas coordenadas para a construção de una lógica-psicológica, de uma filosofia do espírito mais condizente com as necessidades teóricas e pragmáticas do pensamento contemporâneo.